

## “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de caso do feminismo negro

Paulo Petronilio Correia \*

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0002-2734-3359>

**Resumo:** Este artigo propõe-se pensar a filósofa, feminista negra e militante Lélia Gonzalez que ficou conhecida como a “criadora de caso” do movimento negro e do feminismo negro no Brasil. Ao tensionar a filosofia hegemônica e colocar em xeque o discurso hétero cis patriarcal que se erguia sob o signo do colonialismo, Lélia propõe uma batalha discursiva ao subverter a língua. Ao fazer isso ela ousa trazer um feminismo afro ladino ou melhor, um feminismo afro-latino-americano, descoloniza a linguagem e o pensamento, fazendo nascer, mesmo inconsciente, um novo giro decolonial. No mesmo instante que denuncia o racismo e o sexismo na cultura brasileira, a feminista negra afronta a norma eurocentrada e legitimada até então, pavimenta o lugar social e político de fala para o povo preto, instaura, de certo modo, uma nova categoria político-cultural de amefricanidade que nos possibilita um novo modo de filosofar em “pretoguês”. Tal originalidade discursiva faz de Lélia Gonzalez uma pensadora emergente e a legítima como pensadora decolonial. No entanto, estabecerei movimentos de pensamento com outras feministas negras, bem como trarei as minhas experiências filosóficas como homem negro, gay e candomblecista, pois além de carregarmos opressões que atravessam nossos corpos e me reconhecer no Feminismo Negro, ela inspira-nos a assumir a responsabilidade do ato de fala para não sermos infantilizados e desumanizados pelo colonizador. Nesse caso, nas palavras de Lélia Gonzalez, aqui mais um “lixo vai falar, e numa boa”, pois essa consciência como negro é que o faz de mim sujeito da minha própria história.

**Palavras-chave:** Lélia Gonzalez. Feminismo Negro. Pretoguês. Criadora de caso. Descolonização.

**“The garbage will speak, and in a good”:** Lélia Gonzalez, the case creator of black feminism

**Abstract:** This article proposes to think about the philosopher, black feminist and militant Lélia Gonzalez who became known as the “case creator” of the black movement and black feminism in Brazil. By tensioning the hegemonic philosophy and putting into question the straight cis patriarchal discourse that rose under the sign of colonialism, Lélia proposes a discursive battle by subverting language. In doing so, she dares to bring an Afro Ladino feminism, or rather, an Afro-Latin American feminism, she decolonizes language and thought, giving birth, even unconsciously, to a new decolonial turn. At the same moment that she denounces racism and sexism in Brazilian culture, the black feminist confronts the Eurocentric and legitimized norm until then, paving the social and political place of speech for the black people, establishing, in a way, a new political-political category. culture of Amefricanity that allows us a new way of philosophizing in “black language”. Such discursive originality makes Lélia Gonzalez an emerging thinker and legitimate as a decolonial thinker. However, I will establish movements of thought with other black feminists, as well as bring my philosophical experiences as a black, gay and candomblecist man, because in addition to carrying oppressions that cross our bodies and recognize me in Black Feminism, it inspires us to assume the responsibility of the speech act so that we are not infantilized and

---

\* Professor associado de Filosofia da Universidade de Brasília. Pós Doutor em Teoria Literária pela PUC/Goiás. Pós Doutor em Performances Culturais pela UFG. Doutor em Educação pela UFRGS. Mestre em Literatura brasileira pela UFSC. Mestre em Educação pela UFSC. Graduado em Letras pela PUC/GO. Graduado em Filosofia pela UFSC. Professor Associado I da Universidade de Brasília-Campus Planaltina. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Literatura/ PosLit. Atua na Linha de Pesquisa: Representação na Literatura Contemporânea. Pesquisa Literatura, subalternidade e diferenças E-mail: [ppetronilio@uol.com.br](mailto:ppetronilio@uol.com.br)

Paulo P. Correia, "O lixo vai falar, e numa boa": Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ...

dehumanized by the colonizer. In this case, in the words of Lélia Gonzalez, here is another "garbage will talk, and it's fine", because this awareness as a black person is what makes me the subject of my own history.

**Keywords:** Lélia Gonzalez; Black Feminism; Pretoguês; Case maker; Decolonization

### "Ihe mkpofu ga-ekwu okwu, ọ dịkwa mma": Lélia Gonzalez, onye mere oji feminism

**Abstract (Opsomming):** Isiokwu a na-atụ aro iche echiche banyere onye ọkà ihe ọmụma, nwa nwanyị ojii na onye na-akwado Lélia Gonzalez bụ onye a maara dị ka "onye na-eme ihe" nke òtù ojii na nwanyị ojii na Brazil. Site n'imegide nkà ihe ọmụma hegemonic na itinye ajujụ n'okwu ziri ezi nke ndị nna ochie nke bilitere n'okpuru akara nke ọchịchị colonial, Lélia tụtụ aro maka agha mkparịta ụka site n'igbanwe asụsụ. N'ime nke a, ọ na-anwa iweta nwanyị Afro Ladino, ma ọ bụ kama nke ahụ, nwanyị Afro-Latin America, ọ na-ewepụ asụsụ na echiche, na-amụ nwa, ọbuna n'amaghị ama, na ntugharị ọhụrụ nke decolonial. N'otu oge ahụ ọ na-akatọ ikpa ókè agbụrụ na mmekọahụ na omenala Brazil, nwa nwanyị ojii na-eche ihu na Eurocentric na ụkpụrụ iwu kwadoro ruo mgbe ahụ, na-eme ebe ọha na eze na ndorọ ndorọ ọchịchị maka ndị ojii, na-eguzobe, n'ụzọ, ndorọ ndorọ ọchịchị ọhụrụ na ndorọ ndorọ ọchịchị. Atiya. Omenala America nke na-enye anyị ohere ụzọ nkà ihe ọmụma ọhụrụ na "asụsụ ojii". Ụdị mkparịta ụka dị otú ahụ na-eme Lélia Gonzalez ka ọ bụrụ onye na-eche echiche ma na-akwado ya dị ka onye na-eche echiche nke ọchịchị. Otú ọ dị, m ga-eguzobe mmegharị nke echiche na ndị ọzọ nwa feminists, nakwa dị ka m na nkà ihe ọmụma ahụmahụ dị ka nwa nwoke, nwoke nwere mmasị nwoke na candomblecist nwoke, n'ihì na na mgbakwunye na-ebu mmegbu na-agafe ahụ anyị na-aghọta onwe m na Black Feminism, ọ na-akpali anyị. wegbara ibu ọrụ nke omume okwu ka onye na-achị isi weghara anyị nwa ọhụrụ ma mebie anyị. N'okwu a, n'okwu Lélia Gonzalez, ebe a bụ "ihe mkpofu ga-ekwu okwu, ọ dịkwa mma", n'ihì na mmata a dị ka onye isi ojii bụ ihe na-eme ka m bụrụ isiokwu nke akụkọ ihe mere eme nke m.

**Isiokwu:** Lélia Gonzalez. Ojii Feminism. Blackish. Onye na-eme ikpe. Decolonization.

### Introdução

A presente pesquisa surge da necessidade e da urgência de tentar pensar a filósofa negra e militante Lélia Gonzalez como a "criadora de caso" no movimento negro e no feminismo e ao mesmo tempo impor meu lugar social e político de fala, pois esse meu ato de fala é o que me humaniza como homem negro e gay a partir de uma escrita encarnada e visceral. Nesse sentido, é impossível pensar aqui sem me colocar de corpo e língua, uma vez que, como Lélia, sou negro, filósofo, de candomblé e carregamos opressões que nos atravessam.

É bem verdade que Lélia Gonzalez foi quem pavimentou e abriu os caminhos para que o Feminismo Negro se consolidasse e tomasse a dimensão que tomou na contemporaneidade decolonial. Ao denunciar o racismo e o sexismo na cultura brasileira, Lélia cria epistemologias fundamentais para se discutir e pensar o Feminismo Negro como "amefricaladina" e a categoria epistêmica "Pretoguês". Ela cria caso ao criar conceitos e dá potentes contornos a eles. Mais que isso, permite-nos pensar um novo giro

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ...  
decolonial a partir da experiência de mulheres negras, do movimento negro e introduz no Brasil o Feminismo Negro.

Como filósofo, vivi numa época em que somente se podia filosofar em alemão. Mas após o giro decolonial proposto por Lélia Gonzalez, o pensamento social brasileiro não foi mais o mesmo, uma vez que sacudiu as bases do pensamento ocidental, eurocentrado e nos fez repensar uma nova forma de filosofar, de ver o mundo e a nós mesmos. Ao se lançar numa batalha discursiva, ela descoloniza a linguagem, fez severas críticas ao colonialismo que sempre nos impediu de falar por nós mesmos e passou a anunciar e enunciar a importância de situar nosso lugar geopolítico de fala. Antes mesmo de surgir conceitos e noções como lugar de fala, giro decolonial decolonialidade e interseccionalidade, Lélia já exercitava e apontava a importância de um pensamento interseccional, decolonial e assinalava a necessidade de falarmos e sermos sujeitas e sujeitos do conhecimento e da nossa história:

Ora, na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação da psicanálise. E justamente a partir da alternativa proposta por Miller, ou seja: por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é **o ato de falar** com todas as implicações. Exatamente por que temos sido falado, infantilizados (infans, é aquele que **não tem fala própria**, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque que falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, **o lixo vai falar**, e numa boa. (GONZALEZ, 2018, p. 193-grifos meus).

Desse modo, a Feminista negra Lélia Gonzalez elucida a importância dos sujeitos subalternizados pela cultura erguerem a sua voz e se humanizarem, uma vez que quando o negro fala ele é infantilizado, ou seja, não tendo voz própria, ele é falado pelo Outro. Em outras palavras, ela chama atenção, assim como a historiadora quilombola e intelectual Beatriz Nascimento (2018) para que possamos contar a nossa história já que a história do homem preto foi contada pela branquidade. Lélia Gonzalez, por sua vez, sem propor ou ousar ser pós ou decolonial, ela é decolonial, nos termos propostos por María Lugones (2019), tal como ela aponta-nos a necessidade de pensar um novo giro decolonial ao decolonizar os gêneros, ensina-nos: “Decolonizar os gêneros é necessariamente uma práxis”. (LUGONES. 2019, p. 363). Ou seja, decolonizar é uma práxis que exige uma luta diária, pois permite-nos inventar uma nova maneira de viver diante do opressor. Nesse sentido, poderia dizer, Lélia inaugura um feminismo decolonial, pois ao trazer sua militância, sua vivência e sua práxis para o interior do movimento feminista, traz e anuncia a intersecção entre gênero, classe e raça como construto central do sistema capitalista de

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ... poder. Mais que isso, ela transforma-se numa teórica de resistência, como possibilidade de acontecer.

Pretende-se aqui dar a ela o lugar correto na tradição e na cultura ocidental como aquela voz que foi silenciada e apagada de toda cultura brasileira. Trata-se de reparação epistêmica para podermos reconhecer o pensamento revolucionário de Lélia Gonzalez, bem como situá-lo na epistemologia do feminismo negro. Esses anos de silenciamentos são resultados do que o sociólogo Boaventura Sousa Santos (1995) chamou de epistemicídio, ou seja, apagamento, invisibilidade e morte da produção do povo preto. O que o colonialismo fez foi tornar invisível, bestializar, desumanizar e nulificar não somente a existência do povo preto, mas o apagamento de sua epistemologia, de sua história. Uma das marcas centrais do pensamento decolonial de Lélia estava na linguagem. Aquela linguagem que, nos moldes da colonialidade/modernidade seria uma linguagem popular, ela dá uma reviravolta linguística, tensiona as gramáticas da modernidade europeia e nos faz pensar novas geopolíticas do pensamento. Uma das maiores críticas da decolonialidade é acerca da colonialidade/ modernidade/poder que abarca todo um projeto em curso que segrega, discrimina e bestializa a produção subalterna. Mais do que isso, faz críticas severas à racionalidade científica, ao cogito cartesiano e ao pensamento eurocentrado como um único norte e possibilidade de acesso ao conhecimento.

No entanto, o objetivo central aqui é mostrar a importância da feminista Lélia Gonzalez que foi conhecida como a “criadora de caso” do movimento feminista, ao tensionar essas gramáticas da modernidade europeia e propor uma nova forma de pensar ao denunciar o racismo e o sexismo na cultura brasileira na década de 70. Para tal movimento, é necessário pensar e problematizar o Feminismo Negro como uma nova linguagem, uma nova ética da diferença e ao mesmo tempo mostrar como esse modo de pensar fez um novo giro epistemológico em minha vida, mudando, com isso, a minha visão acerca do mundo, do Outro e de mim mesmo. Nesse caso, diz Lélia:

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. Consequentemente, o lugar de onde falamos, põe um outro, aquele é que habitualmente nós vínhamos colocado em textos anteriores (GONZALEZ, 2018, p. 191).

Ao mostrar o lugar subalterno em que as mulheres negras ocupam na sociedade, Lélia evidencia o fenômeno duplo do racismo e do sexismo, pois segundo ela,

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ...

o racismo é fruto da “neurose cultural brasileira” e produz efeitos violentos e brutais diante do corpo da mulher negra. Nesse sentido, como sabemos, nós gays, sobretudo gays negros, mulheres negras, trans, travestis e bixas pretas fomos e somos profundamente afetados e influenciados pelo Feminismo Negro. Reconhecer essa visão de mundo é fundamental para que nós possamos erguer a nossa voz e nos posicionarmos enquanto sujeitos e enquanto diferença. No meu caso, como gay negro e candomblecista, carrego as marcas da opressão, do silenciamento e da subalternidade. No entanto, trago a ideia de descolonização como marco na minha ruptura como filósofo que tenta a cada dia enegrecer a filosofia, descolonizar o eu, a linguagem e o pensamento. O pensamento negro aqui deve ser encarado como lugar de (re)existência, como agenciamento político, como dispositivo e máquina de guerra contra toda forma de opressão, racismo, discriminação e segregação.

Terei como aporte teórico o Feminismo Negro da pensadora Lélia Gonzalez em diálogo com outras mulheres negras que ajudaram e ajudam a pensar o racismo, o sexismo e a desumanização do povo preto de forma interseccional tais como Lélia Gonzalez (2018) Beatriz Nascimento (2018) Sueli Carneiro (2019), María Lugones (2019) Audre Lorde (2019), Ângela Davis (2018), bell hooks (2019) Patrícia Hill Collins (2019) Glória Anzaldúa (1980) Grada Kilomba (2019).

Para facilitar a leitura, a presente pesquisa está dividida em subtópicos inter-relacionados. O primeiro intitula-se “Lélia Gonzalez: a criadora de caso”, onde apresento a feminista negra filósofa e militante, a criadora de caso no movimento feminista. O segundo momento, “Descolonizando a Filosofia” trago a Lélia filósofa, seus conflitos, o seu processo de embranquecimento e trarei a minha experiência subalterna como negro, gay, candomblecista e o meu processo de descolonização ao ler Lélia. Em “O lixo vai falar, e numa boa” ou descolonizando o eu” trago uma aproximação entre Lélia Gonzalez e a feminista negra Grada Kilomba, pois ambas mostram a importância de nos colocarmos como sujeitos do conhecimento. “O Feminismo Negro como Filosofia da Diferença”, impõe se aqui uma Lélia epistemóloga da diferença em diálogo com o feminismo negro, sobretudo a feminista lésbica Audre lorde, pois as mulheres redefinem a diferença. Por fim, “Filosofando em Pretuguês”, é a filosofia que sustenta o pensamento de Lélia ao promover uma batalha discursiva, subvertendo a norma culta e propõe, com isso, lugares de anunciação e enunciação do lugar social e político de fala.

### **1.Lélia Gonzalez: a criadora de caso**

Lélia Gonzalez nasceu em Minas Gerais em 1935, sendo a penúltima filha de uma família pobre com 18 filhos. O pai era ferroviário e a sua mãe era empregada doméstica. Logo depois a família mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1942. Ao ter a oportunidade de estudar, fez História e Geografia, em 1958 e em Filosofia em 1962 na atual Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), antiga Universidade do Estado da Guanabara (UEG). Foi professora na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e na Pontifícia da Universidade Católica do Rio de Janeiro (UERJ). Além de militante do movimento negro, fundou coletivos de mulheres negras, atuou em institutos de pesquisas das culturas negras, filiou-se ao Partido do Trabalhador (PT), além de denunciar o racismo e o sexismo na cultura brasileira. A primeira pesquisadora a fazer um estudo sobre Lélia Gonzalez foi Raquel Barreto, onde estabeleceu um consistente movimento entre Lélia e Ângela Davis:

Tomar Lélia Gonzalez como uma intérprete do Brasil significa ampliar a compreensão sobre a importância de sua obra, que recentemente tem sido mais debatida pelo viés de sua contribuição teórica original para o desenvolvimento do feminismo negro brasileiro. Tal abordagem, ainda que muito importante, pode ocasionar uma leitura parcial de sua obra, visto que se concentra apenas em seus textos cuja temática são as questões de gênero e raça. (BARRETO, 2018, p. 15).

No entanto, a pesquisadora Raquel Barreto aponta a urgência e a necessidade de reconhecermos em Lélia uma potente intérprete do pensamento brasileiro pela sua originalidade teórica, política e epistemológica. Sem dúvidas, Lélia Gonzalez foi a maior representante do movimento negro no Brasil. Foi quem, com o movimento negro e a luta de mulheres pavimentou o campo do que hoje chamamos de decolonialidade ou luta antirracista/sexista. Trata-se de um modo de pensar que coloca em xeque a colonialidade do poder. Tal projeto em curso é responsável por todo um processo de desumanização como bem salientou a feminista negra estadunidense Patrícia Hill Collins:

Uma vez que homens brancos da elite controlam as estruturas de validação do conhecimento ocidental, seus interesses permeiam temas, paradigmas e epistemologias do trabalho acadêmico tradicional. Conseqüentemente, as experiências de mulheres negras norte-americanas, bem como as experiências de mulheres afrodescendentes na esfera transnacional, têm sido distorcidas ou excluídas daquilo que é definido como conhecimento. (COLLINS, 2020, p. 139).

Dito de outra maneira, Patrícia Hill Collins mostra-nos que ao vivermos ainda uma sociedade patriarcal comandada pelo homem hétero cis, branco e de classe média, ou seja, noções clássicas como verdade, universalidade e essencialismos são marcas

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ... desse poder colonial que valida seu conhecimento e legitima o conhecimento ocidental deixando de lado tudo que é produzido no sul global. Nesse caso, a experiência de mulheres afrodescendentes, quilombolas, ribeirinhas e povos originários são excluídos da *ratio* ocidental e tidos como inferiores e selvagens. Ou seja, a desumanização. A feminista negra Luiza Bairros afirma acerca do lado criadora de caso de Lélia Gonzalez, esclarece-nos:

Autodefinindo-se como feminista, Lélia participou de várias organizações de mulheres sem nunca se furtar à crítica ao feminismo, enquanto teoria e prática. Ainda que reconhecendo a existência de feministas comprometidas com questão racial-a quem chama de irmã-Lélia via o feminismo como um movimento de mulheres brancas, onde ela era a criadora de caso. (BAIRROS, 2018, p.443-grifos meus).

Segundo Luiza Bairros, ao se autodefinir como feminista, Lélia teve uma vida muito movimentada e nunca deixou de denunciar a sociedade em que vivia, não deixava de apontar críticas ao feminismo de mulheres brancas, o hegemônico. Tais críticas foram essenciais para que as feministas brancas pudessem reconhecer as humanidades das mulheres negras e levar suas pautas para o movimento, pois as feministas negras não se sentiam representadas pelo movimentos de mulheres que ainda discutiam a categoria mulher a partir de uma visão essencialista e universal.

De fato Lélia era a criadora de caso porque questionava diretamente o poder ao criticar o Colonialismo e o patriarcado. O feminismo hegemônico, de supremacia branca não deu a devida humanidade e atenção à mulher negra. Então ela era a criadora de caso por trazer e denunciar questões a partir de dentro do movimento negro, de seu corpo e de sua experiência individual/coletiva como mulher negra. Lélia, de certo modo, já denunciava o racismo e o sexismo na cultura brasileira:

Então, companheiros, num momento como este, é importante que nós todos refletimos, nós do movimento negro, da população negra, por que somos os grandes explorados e oprimidos desta Nação. Vejamos esta sociedade como um todo, por que temos nossos irmãos brancos também explorados, claro que não tanto nós. (GONZALEZ, 2018, p.228).

Dito de outra maneira, essa “criadora de caso” no movimento negro tem nome e sobrenome: Lélia de Almeida Gonzalez. Ela fazia questão de dizer que preto tem que ter nome e sobrenome, se não vem um homem branco e arranja um apelido para ele. Lélia convida-nos a refletir sobre a condição de explorados e oprimidos na sociedade brasileira. Não é por acaso que ela mesma diz claramente quando tenta nos explicar acerca de seu personagem conceitual que é a categoria político-cultural da Amefricanidade:

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ...

Trata-se de um olhar novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural do Brasil que, por razões de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas. Do contrário, ele é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o t pelo d para, aí sim, ter o seu nome assumido com, todas as letras: América Ladina (não é por acaso que a neurose cultural brasileira tem no racismo o seu sintoma por excelência. (GONZALEZ, 2018, p.321).

Em outras palavras, seu lado filósofa decolonial começa quando ela cria e subverte a linguagem, potencializa o lugar de fala do povo preto, solta sua voz a partir do lixo cujo lugar foi colocada a humanidade do negro. Ao trabalhar na caixa de ferramenta da Psicanálise, Lélia usa a seu favor, para pensar os problemas de seu povo e ao mesmo tempo mostrar quão amefricanos somos. Ela foi de fato e continuará sendo uma criadora de caso, pois teve o ato mais atrevido que uma mulher negra pode ter. Glória Anzaldúa (1980), ao falar abertamente da escrita, diz que escrever é um ato atrevido e uma mulher que escreve tem poder e ao ter poder, ela é temida. Lélia foi temida por ter tido, desde muito jovem, a consciência de que veio para descolonizar o pensar e propor um novo modo de vida. Lélia encontrou o ponto da vida. Encontrar o ponto da vida significa pensar a partir de seu tempo um novo giro na maneira de ver, pensar e sentir o mundo. Significa mais ainda, se autorizar a pensar de tal maneira que seu legado, além de promover abalos e rumores em seu tempo, promoverá, para toda existência, na cultura e no pensamento, novos tremores, deslocamentos e rachaduras por toda a vida. Nesse sentido, quem encontra a potência e a amplitude do ponto da vida, transforma-se para sempre num criador ou criadora de caso. Sejamos todos criadores e criadoras de caso e descolonizadores do pensamento, do Feminismo e da Filosofia.

## **2.Descolonizando a Filosofia**

É impossível falar em descolonização da Filosofia sem trazer a minha experiência como filósofo. A trajetória de Lélia como mulher negra, filósofa e de Candomblé, tem, até certo ponto, uma relação de vizinhança com a minha experiência iniciática nos terreiros, pois vivenciei todo um processo de embranquecimento ao longo de minha formação acadêmica euro branca e vale a pena mostrar como tenho lutado a todo instante com esse processo de descolonização epistemológica. Por viver uma sociedade que não legitima e nem humaniza o homem negro, enfrentei muitas crises quando eu frequentava os terreiros de candomblé e, ao mesmo tempo que fazia Filosofia. Assim Lélia Gonzalez se desenha:

Na faculdade eu era uma pessoa cuca, já perfeitamente embranquecida, dentro do sistema. Eu Fiz Filosofia e História. E, a partir daí, começaram as contradições. Você enquanto mulher e enquanto negra sofre evidentemente um processo de discriminação muito maior. E, claro que, enquanto estudante muito popular na escola, como uma pessoa legal, aquela pretinha legal, muito inteligente, os professores gostavam esses baratos todos... Mas quando chegou a hora de casar, eu fui me casar com um cara branco. (...) a partir daí fui transar o meu povo mesmo, ou seja, fui transar candomblé, macumba, essas coisas que eu achava que eram primitivas. Manifestações culturais que eu, afinal de contas, com uma formação em Filosofia, transando uma forma cultural ocidental não sofisticada claro que noa podiam, olhar como coisas importantes (GONZALEZ, 2018, p. 82-3).

Ao se formar em História e Filosofia, duas áreas tão sofisticadas, Lélia foi mostrando como se deu seu processo de branqueamento e logo após o escurecimento, até ela ter essa consciência preta de voltar às suas origens e transar com os seus, ou melhor, voltar a aproximar e ter uma relação mais íntima com o povo preto e toda a sua cultura. Houve, sem dúvidas, uma luta para se descolonizar o eu e o pensamento euro centrado a que foi forjada. Mas primeiro ela teve toda uma crise até não aceitar mais a peruca como signo artificial que fazia com que ela não assumisse verdadeiramente sua beleza negra e a sua estética afro. Então, ela viveu várias contradições. Por um lado tentando se embranquecer, resultado de toda uma formação colonial e, por outro lado, a busca de afirmação como mulher negra.

Como filósofo, aprendi que tenho me empenhado muito em descolonizar o pensamento. Mas, sabemos, a descolonização é uma luta diária, uma luta de si, consigo e contra si mesmo, pois estamos impregnados da colonialidade em nossos corpos. Nesse sentido, propor a descolonização do pensamento, significa colocar em xeque esse saber filosófico que se legitimou como modelo e única forma de saber. Significa, hoje em dia, propor uma nova visão de mundo em que o belo não seja sinônimo de bem, de verdadeiro, de justo e de branco. A tradição colonial e a visão eurocêntrica do mundo oriundo do ocidente, da visão grega de unidade, de belo e sumo bem que era marcada pela supremacia ontológica de uma visão una e que o ser sobressaía em relação ao não ser. O belo era tudo que abarcava a totalidade, a unidade, o ser, o que de fato era. De fato, a visão colonizadora do bem, do belo e do justo fechava em si e por si um conceito de belo que não abarcava a diversidade de mundos e a boniteza que esse tem, ou seja, quando o Ocidente nos apresenta o belo de forma universal, ele não consegue abarcar

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ...

todas diversidades do que é belo exprimido pelas diferentes culturas. E Lélia já denunciava toda essa opressão colonial em nossa sociedade:

Desemprego, fome e miséria, têm a ver conosco, população negra. Por isso mesmo, todos nós, brancos e negros interessados na questão da justiça, interessados no efetivo desenvolvimento, interessados no estabelecimento de uma efetiva democracia neste país, temos que nos irmanar e lutar contra essas forças da opressão que são imperialistas, colonialistas. E quando falo que elas são colonialistas, quero dizer, que são racistas. (GONZALEZ, 2018, p. 228).

Essa mesma denúncia foi feita pela pensadora que propôs um feminismo decolonial, pois como compreendia a feminista decolonial María Lugones, “Acredito que a hierarquia dicotômica entre seres humanos e não humanos é a dicotomia central da modernidade colonial (LUGONES, p.358). Como sabemos, foi esse pensamento que foi travado por toda uma tradição perpassando o cartesianismo, a racionalidade científica, a dialética, a hermenêutica, o marxismo que ofereceu, por sua vez, um terreno para pensarmos as contradições sociais, mas que não deu conta das questões que fragilizam e colocam os sujeitos subalternos em situação de vulnerabilidade. A impressão que se tem é que só existia uma voz falando, legitimada e autorizada a falar. Talvez seja por isso que sempre tive dificuldade em falar de mim, da minha subjetividade e também falar do outro uma vez que a filosofia nunca nos colocou nesse lugar e nunca nos estimulou a nos colocar como problema no mundo. O pensamento colonial tem essa marca violenta de tirar a nossa subjetividade e nos empatar de falar de nós, nos seduzindo, com isso, com o fascínio da transcendência, do essencialismo e do universal.

Demorei muito tempo para perceber isso. Quando comecei a olhar para mim mesmo foi quando comecei a estranhar a Filosofia como saber originário da Grécia, perpassando a Alemanha e a França, ou seja, quando comecei a aprender a sair dela por ela mesma e propondo, com isso, outra narrativa para falar do mundo e de mim mesmo. Ao combater essa visão universal e essencialista de mulher pautada no feminismo hegemônico, o feminismo negro coloca questões da mulher negra a fim de mostrar as múltiplas e diferentes experiências que as mulheres negras vivem nas sociedades. Com isso, subvertem noções de identidade e diferença que até então são pautadas numa lógica da colonialidade. O feminismo hegemônico já trazia a ideia essencialista e universal de mulher quando a feminista Simone de Beauvoir já nos dizia que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, que de certo modo, influenciou toda uma geração e toda uma onda feminista. O Feminismo Negro com suas políticas e reivindicações dos seus lugares de fala ao não se sentir contemplado na agenda do feminismo hegemônico, traz suas

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ...  
trincheiras e junto com elas a sua voz e empoderamento, em busca de sua plena humanidade.

Desse modo, trazer o Feminismo Negro como estratégia política e revolucionária é a forma mais instigante de atacar esse lugar que se cristalizou como verdade única e inabalável. Ou seja, a encruzilhada por interseccionar as diferenças, é o próprio signo da diferença. E o feminismo negro é o fio condutor que nos leva a pensar acerca de nossas humanidades. Cabe ressaltar essa reflexão da feminista Patrícia Hill Collins:

Devemos ter em mente que o pensamento feminista negro compreende as lutas das mulheres negras como parte de uma luta mais ampla pela dignidade humana e pela justiça social. Quando aliado ao princípio epistemológico feminista negro de que o diálogo permanente fundamental para avaliar as manifestações de conhecimento, a perspectiva dos domínios de poder apresentada aqui deve servir para estimular diálogos sobre o empoderamento (COLLINS, 2019, p. 437).

Desse modo, o Feminismo Negro, de forma radical e subversiva luta contra as várias opressões sociais seja de classe, raça, gênero, sexualidades, interseccionando e problematizando as posições que os sujeitos geograficamente e historicamente localizados ocupam. Daí a noção de lugar de fala como uma política coletiva que coloca em xeque essa voz única que sempre teve autorização discursiva para falar e existir que é a do homem, hetero-cispatrilárquico, branco, cristão, europeu, ou seja, o pensamento ocidental. No entanto, essas vozes ditadas subalternas tentam criar canais e possibilidades de escuta e reconhecimento de suas plenas humanidades. O que todos têm em comum, poderia dizer, é a busca pela visibilidade, pelo direito de humanidade e liberdade.

Contudo, hoje em dia, com toda a luta antirracista, nós negros, ao assumirmos nosso lugar de fala, aprendemos a correr todos os riscos e nos responsabilizamos pela nossa próprias narrativas, pois de fato os tempos mudaram e estamos buscando outras vozes, outros lugares, outras linguagens e nos lançando em outras encruzilhadas como um modo de desestabilizar a soberania e o poder do colonizador. No entanto, é desnecessário hoje que o outro fale por nós. Nesses termos, ser colocado como O “outro” é uma forma mais cruel de nos desumanizarmos e apagar a nossa existência, além de desrespeito à nossa voz, pois foi esse outro que sempre nos calou, nos silenciou, nos oprimiu.

Então as vozes subalternas importam e elas surgem provocando desconforto e fissuras no pensamento normativo, tendo visibilidade, se humanizando e com isso, se empoderando a cada dia e tendo plena consciência de sua voz no mundo. Dito de outro modo, propor uma nova estética da existência significa pensar uma nova estética: a da

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ...

(Re) existência. Para que isso aconteça é preciso um convite a sairmos da grande noite tal como falava Achille Mbembe apoiado em Frantz Fanon:

Sair da grande noite anterior à vida exigia uma atitude consciente de “provincialização da Europa”. Era preciso, dizia Fanon, dar as costas a essa Europa que “não para de falar do ser humano ao mesmo tempo em que o massacra sempre que o encontra, em todos os cantos de suas próprias ruas, em todos os cantos do mundo. (MBEMBE, 2019,p.19).

Dito de outra maneira, a descolonização do pensamento exige um gigantesco esforço em sair dessa visão padronizada e branco-centrada para afirmarmos uma ética da diferença. Deixamos de fazer uma crítica a razão pura para propormos uma Crítica à razão negra. Para isso é preciso fazer uma severa crítica a essa razão racionalizante que retira a subjetividade, o afeto e a capacidade de humanidade de nós mesmos. O que a ética e a estética ocidentalizada sempre nos ensinaram foi a ver o mundo de forma universal e essencialista. Por isso o Feminismo Negro traz as éticas e as estéticas de delicadezas epistemológicas tais como interseccionalidade, lugar de fala, subalternidade, diferença, interseccionalidade, empoderamento e com isso, torna-se mais complexa a semântica e a linguagem do próprio Feminismo Negro. Em outras palavras, uma das éticas do Feminismo Negro tem como imperativo a discursividade, a enunciação e a afirmação lugar de fala dos sujeitos, onde a partir de suas vozes e de sua enunciação discursiva, corporal e performática os sujeitos subalternos podem aparecer como sujeitos plenos de suas humanidades. A ética passa a ser individual e coletiva, pois o pessoal é político e é nessa política da personalidade coletiva que os sujeitos erguem as suas vozes e se afirmam enquanto tais no mundo.

### **3. “O lixo vai falar, e numa boa” ou descolonizando o eu**

Ora, como podemos descolonizar o eu? Que tipo de esforço epistemológico temos feito para a política da descolonização? Perguntas como essas são fundamentais quando tentamos combater o racismo, o sexismo e a opressão. Foram essas perguntas fundamentais feitas pela feminista negra, artista interdisciplinar Grada Kilomba ao registrar os traumas dos racismos cotidianos em *Memórias da Plantação*:

Este é o momento em que tanto a colonização quanto a descolonização tornam-se entrelaçadas e imperativas. Mas como se dá o processo de desfazer? Como alguém se descoloniza? Como deve ser a descolonização do eu? E quais perguntas devem ser feitas para encontrar possíveis respostas? (KILOMBA, 2019, p.226).

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ...

A pensadora Grada Kilomba posiciona-nos diante de embates teóricos, políticos e epistemológicos necessários em tempos tão sombrios que enfrentamos a cada dia com nós mesmos que é o processo de descolonização do eu. Como sabemos trata-se de um processo doloroso em que “desfazer” e deslocar nossas verdades se torna um grande desafio. Mais do que isso, trata-se, por fim, de abandonarmos essa visão cartesiana que separou sujeito de objeto, o corpo da alma e nos impossibilitou a falar a partir de nossas subjetividades.

Dito isso, uma das formas mais potentes de descolonizar o eu é deixar de falar pelo outro ou sob seus ombros e assumir a potência da sua própria voz. Erguer a voz é se assumir enquanto sujeito. Quando a minha vida, a minha experiência de fato importou e pude falar a partir de mim mesmo, comecei a perceber que aproximava cada vez mais de mim mesmo, da minha vida. Para isso contar a nossa experiência, o que nos atravessa é fundamental para que possamos nos afirmar no mundo. Foi esse lugar que a pioneira feminista negra, ativista e filósofa Lélia Gonzalez sempre nos convidou a estar:

Quando falo de minha experiência, me refiro a um processo difícil de aprendizado na busca da minha identidade como mulher negra, dentro de uma sociedade que me oprime precisamente por causa disso. Mas uma questão de ordem ético política é imposta imediatamente. Não posso falar na primeira pessoa do singular, de algo dolorosamente comum a milhões de mulheres que vivem na região; Refiro-me aos ameríndios e aos africanos (Gonzalez) subordinados a uma latinidade que legitima sua inferiorização (GONZALEZ, 2018, p. 308).

Ao pensar a partir da sua própria experiência, Lélia mostra o difícil processo de aprendizado em busca de sua identidade como mulher negra. Para ela, numa sociedade que a oprime, por ser mulher e por ser negra, é ali imposta uma questão que é de natureza política e ética. Ora, é importante salientar que uma das questões fundamentais trazidas pelo feminismo negro é a enunciação, o direito à fala. Aprender a erguer a sua própria voz faz parte da composição ética e política do povo negro. É a partir desse ato de fala que ela mostra seu *ethos* e sua visão de mundo. Falar é também um ato político diante do mundo da vida. Foi a feminista negra estadunidense bell hooks (2019) que nos motivou a erguer a nossa voz.

Quando fui iniciado como filho de santo no candomblé e pude falar de mim mesmo, aproximar da minha cor, da minha ancestralidade, poderia dizer, foi o ápice da minha ruptura e da minha reviravolta epistemológica. Foi o primeiro passo para descolonizar o eu, a filosofia e o conhecimento. Me reconhecia finalmente, na ética e na estética do

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ...  
candomblé. Deixar de estudar a mitologia branca e autorizada Hermes, Dionísio, Narciso e outros mitos da branquidade para estudar a mitologia dos Orixás e deixar ser cavalgado por Oxosse, meu Orixá no candomblé, é de fundamental importância para eu potencializar a encruzilhada como sabedoria decolonial. Abdias do Nascimento, ao denunciar o racismo em seu monumental livro *O Genocídio do negro brasileiro*, propunha um processo de descolonização ao trazer a sua vida para o pensamento e para escrita. Dizia ele:

O ensaio que desenvolverei nas páginas a seguir não se molda nas fórmulas convencionalmente prescritas para trabalhos acadêmicos e/ou contribuições científicas. Nem está o autor deste interessado no exercício de qualquer tipo de ginástica teórica, imparcial e descomprometida. Não posso e não me interessa transcender a mim mesmo, como habitualmente os cientistas sociais declaram supostamente fazer em relação às suas investigações. Quando a mim, considero-me parte da matéria investigada. Somente da minha própria experiência e situação no grupo étnico cultural a que pertenço, interagindo no contexto global da sociedade brasileira, é que posso surpreender a realidade que condiciona o meu ser e o define. (NASCIMENTO, 2017, p. 47).

Logo no começo de sua obra Abdias do Nascimento não somente mostra a importância de descolonizar o eu, como se coloca como sujeito da pesquisa investigada e faz críticas severas ao modo de se fazer ciência sob a fantasia colonial. Para ele, que não está por sua vez interessado em fazer uma “ginástica teórica” e não escrever aos moldes científicos e muito menos está ele interessado em fazer algo descomprometido da realidade, uma vez que ele é a própria realidade pesquisada. Para isso, não interessa nenhuma transcendência. Esse modo de assumir a escrita, de correr o risco e colocar a sua subjetividade atrelada ao fazer e ao pensar epistemológico é a grande máxima de sua escrita e de seu pensamento. Desse modo, não se descoloniza o eu, sem enfrentar a si mesmo, sem se colocar como sujeito e como problema no mundo. É uma luta de si consigo e contra si mesmo. Abdias do Nascimento ergueu a sua voz como ativista e negro quando se colocou de corpo e língua como problema.

A feminista negra Patrícia Hill Collins mostrou-nos pelos olhos de Audre Lorde a importância de erguer a voz. Audre Lorde fala da importância que a expressão da voz individual pode ter para a autodefinição no contexto coletivo das comunidades de mulheres negras já que continua ela, “o ato de usar a voz exige que haja alguém nos ouvindo e, portanto, estabelece uma conexão” (COLLINS, 2019, p. 190). No entanto, erguer a voz é um ato político, de empoderamento e autodefinição. Por isso antes de falar é preciso que a Bixa Preta não largue a mão de ninguém. Não adianta dizer que tais vidas importam se meu corpo e o meu olhar rejeitam aqueles que são cuspidos para mais longe

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ... das margens como as transexuais e travestis negras, mulheres negras e não cristãs, além das bixas afeminadas que são mais ainda marginalizadas. Mesmo os gays brancos precisam pedir perdão e agradecer a elxs pelas suas existências. Agradecer às mulheres negras que tiveram de frente abrindo caminhos com a força do feminismo negro e trazendo a nossa pauta à tona.

#### **4.O Feminismo Negro como Filosofia da Diferença**

O Feminismo Negro ao propor um giro decolonial, fez eclodir uma nova forma de pensar a diferença, pois sabemos que a diferença tem marcas na colonialidade do poder, ou seja, é uma fantasia da eurocêntrica. Fomos moldados a pensar a diferença pelos olhos da Europa. De diferentes maneiras a Europa fez prevalecer a noção de diferença, mas não pensaram a diferença nestes termos. De certo modo, são narrativas que falam de e a partir de uma branquidade eurocêntrica e que reforçam, de certo modo, o poder e legitima o saber, ou melhor, a colonialidade do saber/poder. Mas em que sentido Lélia pode ser considerada uma filósofa da diferença nesses moldes da decolonialidade? Quais processos de subjetivação podemos perceber em seu pensamento? O que se pode adiantar é que sua Filosofia Pretuguês deve ser encarada como *ethos* e uma potente máquina de guerra contra a opressão, o racismo e a colonialidade do poder, tal como pensou Aníbal Quijano. É esse tipo de amarração teórica e epistêmica que me faz descolonizar a diferença. O feminismo negro foi, sem dúvidas, o grande responsável por essa radical mudança, deslocamento e desterritorialização.

De fato com o Feminismo Negro temos uma nova concepção de diferença. O feminismo hegemônico carrega marcas indeléveis da diferença eurocêntrica. A biblioteca do feminismo de predominância branca é imensa e para a minha não surpresa, é euro centrada e branca. Judith Butler bebeu em Simone de Beauvoir, Hegel Nietzsche, Foucault, Derrida, Deleuze, Levinas, Hannah Arendt, somente para citar alguns uma vez que sua biblioteca americana e francesa é grande. Paul Preciado esteve muito ao lado de Derrida, Foucault e Deleuze, somente para citar alguns. Sem dúvidas a onda marcada pelo feminismo hegemônico foi e continua intensa. A diferença se transformou, de certo modo, numa fantasia colonial marcada por uma tradição de pensadores que, por mais que desconstruísse por um lado a linguagem e propor atos de fala potencialmente subversivos, o feminismo negro com suas lacunas e anseio de humanidade não se sentia contemplado e começou a lutar contra a dupla opressão a que estava confinada: ser mulher negra é completamente diferente de ser mulher branca numa sociedade racista,

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ... machista e sexista. A diferença que Butler traz de Levinas e a sua leitura derridiana está ainda ligada a uma alteridade radical, a um retorno a Outro, como a condição humana de Hannah Arendt está para o universal. De qual condição humana estamos falando? Qual alteridade estamos falando? Desse modo, a existência ainda é questionada ontologicamente, essencialmente. Seja como dispositivo, seja como agenciamento, reconhecimento ou alteridade, a diferença é voltada para o mesmo, para a “outridade”, onde reina o “em si”, e o “para si”, numa abertura ou círculo dialético, “hermenêutico”. As versões contadas acerca da diferença pela tradição apagava a própria diferença, essa diferença múltipla, plural e complexa. Essa diferença que tem lugar de fala e que se localiza, temporal e historicamente como *ethos*, como ética da existência e como modo de vida.

O Feminismo Negro trouxe o charme da diferença com sua riqueza e complexidade marcada pela política do empoderamento, pela interseccionalidade, poder de autodefinição, pelo lugar político de fala e pela expressão da vida e da subjetividade. De fato são muitas as versões acerca do Feminismo Negro e suas origens. O que sabemos é que ele surge a partir do movimento de mulheres negras que não se sentiam incluídas na pauta do feminismo hegemônico, o de supremacia branca. Com isso, com a militância começa a se movimentar e lutar contra o sexismo e o racismo. Salienta-nos Hill Collins:

O próprio feminismo negro, em grande parte pela demanda de autodefinição das mulheres negras, tem sido fundamental para a criação desse espaço. No geral, as mulheres afro-americanas se encontram em uma rede de relações transversais, cada qual apresentando combinações variadas de imagens de controle e autodefinições. (COLLINS, 2019, p.186).

Desse modo, a partir da década de 70 mulheres negras e militantes no Brasil como Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Sueli Carneiro, Jurema Werneck e inclui nesse time as norte – americanas Bell Hooks, Audre Lorde, Patricia Hill Collins, Ângela Davis e outras, abriram e pavimentaram essas encruzilhadas para que possamos, na contemporaneidade, fazer vários desdobramentos. O Feminismo Negro, como forma de pensamento, eclodiu como uma epistemologia e, com isso, iniciou uma nova tradição em que os sujeitos e sujeitas subalternas buscam na ancestralidade seus modos de se compreenderem no mundo e suas potências de vida.

Noções como lugar de fala, subalternidade, interseccionalidade, empoderamento e a denúncia de todo tipo de sexismo e racismo estão na pauta dessas mulheres que ajudaram e ajudam a pensar esses vários Brasis. Na década de 90 Sueli

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ...

Carneiro propõe, de forma radical a enegrecer o feminismo por reconhecer de uma vez por todas que as mulheres negras têm suas demandas que não são colocadas na pauta das mulheres brancas, as que ainda trazem de forma universal o conceito de mulher. E a mulher negra mostrou seu lugar no mundo. E esse lugar já foi proposto por Lélia Gonzalez:

Na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira e assim determina a lógica da dominação já que temos sido falados, infantilizados, *infan*, aquele que não tem voz própria, a criança que fala em terceira pessoa por que falada e infantilizada pelos adultos (...) o lixo vai falar e numa boa... (GONZALEZ, 2018, p.193).

Ora, ao denunciar o racismo e o sexismo na cultura brasileira, a feminista, filósofa e militante Lélia Gonzalez (2018) propõe uma potente subversão e abre caminhos com sua forma de desconstruir e desestabilizar a linguagem, potencializando, com isso, nosso lugar de fala. Ter um lugar de fala é não deixar ser infantilizado, é ter a capacidade de erguer a sua voz como sujeito de sua própria história. Uma questão fundamental que não posso deixar de falar é acerca do caráter da objetificação, abjeção e hipersexualização do corpo negro, corroborando a hierarquia que Gilberto Freire já trazia de que a mulher branca é para casar, a mulata pra fornicar e a preta para trabalhar. Esse lugar se encontra também marcado no corpo da bixa preta, pois ao gay negro não cabe o lugar da “bixinha”, do afeminado, pois a esse corpo exige uma masculinidade e uma virilidade. Esse lugar hipersexualizado, marcado pela exigência fálica faz do homem e da mulher negra sujeitos desumanizados. Ou seja, como bem pensou Lélia, o racismo atravessa-nos independente da classe e da posição social, uma vez que seja na rua ou no shopping, nas relações em geral, sou um corpo negro e gay. Meu título de doutor e professor da Universidade de Brasília não vai junto do meu corpo e eles jamais irão me embranquecer. O imaginário social brasileiro nos condiciona a ver o outro assim. Nesse caso, o corpo negro é, em todas as suas esferas, desumanizado.

Segundo a feminista negra Chimamanda Adichie (2015), feminista é uma pessoa que acredita na igualdade social, política, econômica entre os sexos e mais ainda, ela complementa, o melhor exemplo de feminista que conheço é o irmão Kene, que também é um jovem legal, bonito e muito másculo, a meu ver feminista é o homem ou a mulher que diz, “Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar”. Todos nós mulheres e homens temos que melhorar. E ser feminista significa lutar contra a opressão de gênero, de raça, de classe e outras. Significa também

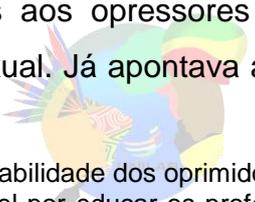
Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ...  
redefinir a diferença e trazer para a pauta questões que perpassam gênero e raça, uma vez que meu corpo gay é um corpo negro e independente da minha classe social, o racismo e a lógica perversa do colonialismo me atravessa e não posso me dar o luxo de lutar apenas por uma opressão, ou como salientou Audre Lorde, não existe hierarquia de opressão.

O racismo que Lélia Gonzalez já denunciava como a crença numa raça superior a outras é uma criação do homem branco, assim como o sexismo é a crença na superioridade de um sexo em relação a outro, de certa forma permanece na sociedade contemporânea. Pensar a raça é quando o homem negro olha para si mesmo e se reconhece quando sujeito de si mesmo e se orienta a partir de si, pois a história única que sempre prevaleceu de um homem branco e heterocispatriarcal não pode servir para todxs nós bixa pretas, gays, negros, trans, mulheres e travestis. O terreno da unidade, da universalidade e do essencialismo não pode ter força para exprimir a nossa diferença. Largar a mão desse homem que reflete no espelho o “si” e dialeticamente reconhece apenas a si mesmo como legítimo, como único inabalável, inexaurível, indestrutível, é fundamental para a descolonização do pensamento. O que o colonialismo fez foi inventar o oriente e ao inventar ele fez emergir o que é o belo, o que o bom, o que é o verdadeiro, o seja, o bom, o belo, o verdadeiro, o sumo bem, o justo é o homem branco. Então perguntava Franz Fanon em seu clássico *Pele negra, máscaras brancas*, o que quer o homem negro? Ele quer ser humano e o critério para ser humano é ser branco.

Nesse caso o negro anseia ser branco por que a estrutura cognitiva já está dada como ideal de existência, atribuindo ao branco a sua humanidade e ao negro a sua animalidade, sua abjeção e objeção. É objeto e abjeto. Nessa lógica perversa ele será sempre o outro, o não ser, fundamento do ser e a mulher negra, então, o outro do outro. Por isso a impossibilidade do subalterno falar, pois a mulher negra sofre duplamente a opressão. No entanto, ela não pode falar, pois a sua voz não será ouvida. Num país marcado pelo racismo e pelo sexismo dificilmente uma mulher preta terá sua voz ouvida. Nesse caso por mais complexo que seja, ser feminista é simples: lutar a favor do humano, melhor ainda, incluir na semântica do Feminismo Negro aquele humano que sempre foi negado ao negro. Aspirar políticas feministas significa aspirar a justiça e o amor. Ser feminista é amor pois amor se conjuga com respeito, com afeto, acolhida ao outro e à diferença. Se feminismo e amor se entrelaçam é por que o ódio e a raiva não podem mais tomar conta de nossos corações.

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ...

Transformar esse silêncio em linguagem e em ação é a mola propulsora do Feminismo Negro. Foi esse silêncio que Beatriz Nascimento (2018) já rompia ao trazer a potência e dar novas vestes ao Quilombo. Foi ela quem nos reorientou a pensar a partir de nós mesmos, de nossas práticas. Patricia Hill Collins (2019) por sua vez, traz a potência do feminismo e a importância da autodefinição, esse lugar coletivo. Foi esse lugar que encorajou mulheres como Sueli Carneiro (2019) a falar do lugar de escrava dirigindo se direto ao eu hegemônico. Daí a pergunta: em que sentido essas mulheres nos inspiram e nos movimentam? Em que sentido devemos nos aliar a elas para lutarmos contra a dominação masculina e contra esse opressor que existe dentro de cada um de nós? É a partir daí que seremos capazes de nos transgredir e nos reorientar a partir de outra forma de ver o humano. Ao encarar o Feminismo Negro como potência da transgressão foi o que levou Bell Hooks a ler Paulo Freire e nos fez encontrar na liberdade a nossa morada, pois como dizia Ângela Davis (2018) “a liberdade é uma luta constante”. Essa liberdade só iremos alcançar quando de fato a diferença que foi ressignificada pelo Feminismo Negro de fato ser experimentada de forma humana e quando nós oprimidos ensinarmos aos opressores a nossa humanidade, ou seja, o homossexual ensinar ao heterossexual. Já apontava a feminista negra, lésbica e poetisa Audre Lorde:



Em outras palavras, é responsabilidade dos oprimidos educar os opressores sobre seus erros. Eu sou responsável por educar os professores que ignoram a cultura dos meus filhos na escola. Espera-se que os negros e as pessoas do Terceiro Mundo eduquem as pessoas brancas quanto à nossa humanidade. Espera-se que as mulheres eduquem os homens. Espera-se que as lésbicas e gays eduquem o mundo heterossexual. Os opressores mantêm sua posição e se esquivam da responsabilidade pelos seus atos(LORDE,2019, p.142).

É desse modo que Audre Lorde compreende de que forma podemos de fato viver numa sociedade mais humana, na medida em que os sujeitos marcados pela diferença estejam abertos a ensinar ao mundo os seus erros para que possamos de fato promover e exercitar a nossa humanidade. É lá em Lélia Gonzalez (2018) que está nossa primavera negra, o ruminar de nossas questões que nos atravessam na contemporaneidade quando já apontava o racismo como uma “neurose cultural brasileira”. Ela pode não ter cunhado a noção de interseccionalidade, mas foi entre as nossas a primeira a propor um feminismo interseccional. Sem conhecê-la não tem como compreender a estrutura do racismo e do sexismo na sociedade contemporânea. Essas mulheres negras nos inspiram novos modos de vida.

Ora, em que sentido o Feminismo negro afirma a Diferença? Ao assumir que as mulheres redefinem e afirmam a diferença, a feminista negra Audre Lorde anuncia um

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ... novo tempo para que possamos descolonizar a noção de diferença e junto dela, trazer o essencial que a própria diferença nunca fez questão de marcar: idade, raça, classe e sexo. Ao trazer esses marcadores, Lorde, traz a humanidade que sempre foi negada pela própria diferença que tem, por sua vez, marcas profundas na colonialidade do poder. Desse modo, o Feminismo Negro redefine a diferença, salientou Audre Lorde quando traz em cena a humanidade, amplia esse conceito e restitui ao outro sua plena humanidade e junto com ela traz toda caixa de ferramenta como subalternidade, lugar de fala, empoderamento, interseccionalidade que não são meras palavras, signos, mas agências, máquina de guerra que compõem a gramática, a semântica do Feminismo Negro. Mas que isso, se o Feminismo Negro entrou de vez no *logos* da nossa história estamos aqui falando de epistemologias. Estamos falando de justiça epistêmica. O Feminismo Negro passa a assumir a expressão da diferença na medida em que traz a delicadeza dessas ferramentas para pensar a complexidade de nós mesmos, junto com os desdobramentos dos marcadores sociais. Diz-nos Audre Lorde em seu clássico texto de 1980, *Idade, raça, classe e sexo: as mulheres redefinem a Diferença*:

Certamente existem diferenças muito reais entre nós com relação a raça, idade e sexo. No entanto, não são essas diferenças que etão nos separando. É, antes, nossa recusa em reconhecê-las e analisar as distorções que resultam de as confundirmos e os efeitos dessas distorções sobre comportamentos e expectativas humanas (LORDE, 2019,p. 142-grifos meus).

Em outras palavras, segundo Audre Lorde (2019), existe uma “rejeição institucionalizada da diferença”, pois temos uma propensão a ignorá-la, descartar as pessoas, pois como humanos fomos programados para responder às diferenças humanas com aversão e medo, a ponto de querermos destruímos o subalterno. Ou seja, para ela, nós não desenvolvemos em nós “ferramentas para usar a diferença humana como um trampolim que nos impulse para a mudança criativa em nossa vida. Não falamos de diferenças humanas, mas de humanos desviantes.” (LORDE, 2019, p.142). É nesse sentido que ela nos desperta para a poesia, para a arte, pois essa visão criativa pode nos ajudar a “recriar a tessitura de nossas vidas”. Nesse caso, continua a feminista lésbica e negra estadunidense Audre Lorde, “ignorar as diferenças de raça entre as mulheres e as implicações dessas diferenças, representa uma forte ameaça à mobilização do poder coletivo das mulheres”. (LORDE, 2019, p.142).

A diferença deixa de ser uma expressão metafísica, essencialista, “ontológica” uma fantasia colonial e passa a ser uma expressão de um modo de vida negro, uma categoria viva e atuante no próprio sujeito. É um agenciamento, um

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ... *ethos*, um modo de ser, de viver e pensar a si mesmo enquanto sujeito coletivo. Nesse caso há uma reviravolta na maneira de pensar o signo da diferença a partir das demandas do Feminismo Negro que nos localiza, nos individualiza e valoriza nossas subjetividades, afastando-se dessa forma, da diferença eurocêntrica, pois como sabemos, a noção de diferença tem um cheiro e um jeito, uma impregnação colonial, eurocêntrica. A diferença é uma herança ocidental que está mais no plano “ontológico”, metafísico, portanto universal. A diferença aqui se fundamenta e se fortalece não mais no centro, naquele *logos* que sempre ditava a razão, o singular, o individual, mas nas margens, onde habita o plural, o coletivo que carrega em a emoção, o afeto, a humanidade.

É Feminismo Negro que nos traz de fato a Diferença quando propõe descolonizar essas palavras, trazendo a complexidade da gramática interseccional e no bojo de suas questões os marcadores sociais da diferença. É assim que Lélia transforma-se numa criadora de caso pois promove a diferença ao subverter a língua, criar categorias epistemológicas complexas, abre caminhos e amplia, com isso, a semântica do Feminismo Negro. Ergue nessa batalha discursiva esse modo “amefrialadino”, como bem salientou na ancestral Lélia Gonzalez de filosofar em pretoguês. O que isso significa será a nossa próxima travessia.



### **5. Filosofando em Pretoguês**

A língua que nos ensinou a ver o mundo foi a língua do homem branco, ocidental ou “brancogues”. Aquela língua do colonizador, marcada pelo binarismo, que separava a língua da própria fala, o sujeito do predicado, marcado por uma norma culta e bela. A língua do colonizador é conjugada, é uma voz ativa e faz parte de toda uma coordenada semiótica (sincronia e diacronia, sintagma e paradigma). A língua legítima e aceita é a do homem branco. A língua é um forte marcador de poder. Ao trazer a linguagem insurgente, a voz do subalterno, Lélia Gonzalez propõe uma desconstrução, ou melhor dizendo, uma reviravolta no interior da própria língua ao descolonizá-la.

Essa expressão “cumé que a gente fica” foi repetida mais de uma vez pela feminista e ativista negra Lélia Gonzalez. Essa pergunta nos faz voltar para nós mesmos enquanto filósofos como descolonizar o pensamento e a própria linguagem? Como trazer as margens do pensamento de Lélia para o centro das discussões filosóficas? Uma das respostas a essa pergunta seria trazer a linguagem subversiva de Lélia em seu clássico texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. Para ela, o lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ... nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira” (GONZALEZ, 2018, p.191).

Ora, ao fazer essa afirmação Lélia nos diz que a articulação do racismo com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em especial e traz a figura da mulata, da doméstica e da mãe preta, sendo o outro do outro. Ao se debruçar na Psicanálise de Lacan e Freud e voltar para o Candomblé ela começa a encontrar atravessamentos e pontos para pensar a si mesmo. É onde a partir daí ela se reorienta e começa a falar e para isso ela começa a fazer uma certa ironia, ou melhor ainda uma subversão diante da própria língua, de certo modo zombando e criticando o pensamento ocidental, branco e autorizado. A partir de uma filosofia ladina, instaura uma “amefricanidade” que é de certo modo, uma potente máquina de guerra, um mostro conceitual que tenta iniciar uma reviravolta linguística, discursiva e epistemológica:

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente fala framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal quem é esse ignorante? Ao mesmo tempo acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não sacam que tão falando pretoguês (GONZALEZ, 2018, p. 208).

É importante salientar que essa forma de fazer piada e ironizar a língua falada pelo homem branco, a língua culta que sempre menosprezou a língua popular, regional, marginal, se colocando dentro de um centro linguístico vai se construindo também um *ethos* linguístico e uma maneira de falar a língua portuguesa cuja que é embranquecida. Na citação acima, ela questiona quem é o ignorante? E nos dá uma aula de decolonialidade a partir do signo linguístico e faz emergir uma filosofia ladina à la “pretoguês”. Com seu jeito irreverente e inovador, Lélia essa primavera negra já desconstruía e nos desconstruía, algo que na sua época parecia uma empreitada dada apenas aos franceses como Jacques Derrida, que ficou consagrado como filósofo da desconstrução. E por falar em pretoguês, continua ela,

É importante ressaltar que o objeto parcial por excelência da cultura brasileira é a bunda (esse termo provém do quimbundo que por sua vez, e justamente com o ambundo, provém o tronco linguístico bantu que “casualmente” se chama bunda). E dizem que significante não marca (...) Marca bobeira quem pensa assim. De repente é desbundante perceber que o discurso da consciência, o discurso do poder dominante, quer fazer

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ...

a gente acreditar que a gente é tudo brasileiro, e de ascendência europeia, muito civilizado, etc e tal (GONZALEZ, 2018,p. 208).

É contra esse discurso dominante e autorizando que Lélia se posiciona crítica e politicamente. Ainda sobre essa batalha discursiva ela reitera:

Se a batalha discursiva, em termos de cultura brasileira, foi ganha pelo negro, que terá ocorrido com aquele que segundo, os cálculos deles, ocuparia o lugar do senhor? Estamos falando do europeu, do branco, do dominador. Desbancando do lugar do pai, ele só pode ser, como diz Magno, o tio ou o corno; do mesmo modo que a europeia acabou sendo a outra. (GONZALEZ,2018, p. 211).

Ao criar essa batalha discursiva, Lélia Gonzalez mostra-nos que esse lugar do poder diante da língua sempre esteve destinado ao senhor, ao dominador, ao branco e europeu. Com esse processo de descolonização da linguagem Lélia abre frentes para pensarmos a noção de linguagem culta e coloquial. A academia que sempre foi um espaço cheio de si, marcado pela língua culta, considerou, por toda uma existência a linguagem popular e coloquial como uma linguagem não legítima, adotando o padrão culto e elitizado como língua natural, baseado na norma branca e eurocentrada.

Esse modo de afrontar a academia e a elite vem sob o signo de uma violência que se dá diante de nós mesmos pois é impossível descolonizar o eu, a cultura e o pensamento se não houver uma potente descolonização da língua(gem). Desse modo, a batalha linguística é em torno do poder do pai, do *logos*, do chefe, do colonizador. Assim, o colonizado precisa desafiar a sua língua, criar suas próprias trincheiras discursivas para se afirmar enquanto sujeito no mundo e se legitimar como sujeito. É preciso, no entanto, transformar a linguagem em ação, uma vez que é com palavras e atos potencialmente subversivos que nos inserimos no mundo.

Se não houver essa batalha o subalterno estará sempre na lata de lixo infantilizado, sem direito à voz e sendo falado pelo Outro. Fora disso, para ser ouvido ele terá sempre que se vestir da língua do colonizador, colocar a máscara branca em sua pele negra, negar seu pretoguês, negar sua cultura, sua cor e a sua existência. Foi essa brutal violência que o colonizador sempre nos impôs ao nos dizer que devemos abrir mão da emoção para escrever com razão. É preciso uma revirada linguística para fazermos a nossa história. Se não houver isso, contaremos a nossa história nos moldes linguísticos do homem branco e com isso a nossa história continuará sendo feita e contada por mãos de homens brancos. Em outras palavras, despachar de nossas vidas essa marcas

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ...  
decoloniais que perpassam nosso sistema linguístico e discursivos será nosso grande desafio. E para isso é necessário inventar uma nova encruzilhada linguística.

## Conclusão

Propus aqui pensar a complexidade que envolve o pensamento Feminista Negro de Lélia Gonzalez, a “criadora de caso” do movimento negro e feminista. De fato ela deu muitos motivos para ser chamada de criadora de caso, pois além de propor uma batalha discursiva, ela subverte a língua e mesmo inconscientemente propõe um novo giro decolonial, ou seja, o feminismo decolonial brasileiro nasce com a criadora de caso Lélia Gonzalez. Ela nos fez filosofar em “pretoguês” e criou um jeito próprio de pensar criando e forçando-nos a pensar como amefricladinos. Ela questionou o racismo e o sexismo de seu tempo e até hoje ela força-nos a pensar e a erguer a nossa voz para sermos sujeitos da nossa própria história.

Ao trazer a potência do Feminismo Negro Lélia Gonzalez trouxe reflexões viscerais de seu tempo e aqui me coloco como homem negro e gay que costura em seu corpo esse pensamento interseccional. Ela me fez acordar para novas tonalidades afetivas. Me fez criticar a mim mesmo, pois falar a partir de nós mesmos, do que nos afeta e nos movimenta é fundamental para que possamos nos tornar sujeitos e nos libertar daquele que nunca nos deixou falar: o homem branco, o colonizador, europeu e heterossexual.

É preciso inventar novos arranjos discursivos, limar o muro da representação e criar fissuras no discurso hegemônico para pensarmos a partir de nós mesmos como sujeitos e nossos múltiplos processos de subalternização e subjetivação, pois o pensamento feminista está dentro de lutas mais amplas em torno da dignidade humana e da justiça social. Um convite a ser feminista significa, acima de tudo, um convite a afirmar a potência dos afetos e o maior deles, é o amor. Não há justiça sem amor. Não há amor sem diálogo e nem empoderamento sem justiça. Já assinalou bell hooks (2019) que amor combina com cuidado e que o verdadeiro amor é fundamentado em reconhecimento e com essa consciência passamos a acreditar que o amor tem o poder de transformar e nos encorajar a nos opor a lógica da dominação, ou seja, escolher políticas feministas é escolher amar.

Nesse sentido, se queremos aspirar a completude e a complexidade do amor, precisamos aspirar ao Feminismo Negro e suas políticas arrebatadoras, pois o Feminismo Negro se ergue sob o signo da diferença em seu sentido mais amplo em busca da dignidade humana e da justiça social. Desse modo, propor uma política da

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ...  
descolonização do pensamento e do eu, significa sermos capazes de termos coragem para enfrentarmos a nós mesmos para sairmos desse grande abismo e desse jogo perverso do colonialismo. É preciso uma nova forma de reafirmação e reorientação na nossa maneira de pensar a nós mesmos e o mundo da vida.

Significa, por fim, fazermos a nossa História pelas nossas próprias mãos e pelos nossos pés, propondo novos caminhos e novas encruzilhadas em que nós de fato estejamos nela, perguntando pela vida e por nós mesmos na própria complexidade da vida. Aproveito para reverenciar o meu ori tão lembrado pela feminista negra Beatriz Nascimento:

Não podemos aceitar que a história do negro no Brasil, presentemente, seja entendida apenas através dos estudos etnográficos, sociológicos. Devemos fazer a nossa história, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os negando. Só assim poderemos nos entender e nos fazermos aceitar como somos, antes de mais nada, pretos, brasileiros, sem sermos confundidos com os americanos ou africanos, pois nossa história é outra, como é outra nossa problemática. Num país onde o conceito de raça está fundado na cor, quando um branco diz que é mais preto do que você, trata-se de manifestação racista bastante sofisticada e também bastante destruidora em termos individuais. (NASCIMENTO, 2021, p. 45-6).

Com essas sábias palavras da quilombola intelectual Beatriz Nascimento termino convidado todo mundo a serem criadores de caso, ou seja o convite que ela nos faz é certo: inventar e contar nosso próprio mundo por nós mesmos. Para isso precisamos criar a nossa ética, a nossa estética, a nossa linguagem a partir de novas fagulhas criativas, mesmo que seja para sermos forasteiros e criadores de casos como foi Lélia Gonzalez. Daí retornaremos a pergunta-chave que Lélia, como o fio condutor desse texto sempre fez: “cumé que a gente fica?”(GONZALEZ, 2018,p.190).

Talvez não tenhamos uma resposta dada, pronta, a priori, mas fica o convite para sairmos da inércia, da grande noite e nos inventarmos como sujeitos, sujeitas e a partir daí fazermos de fato uma história sobre nós, por nossas próprias mãos, pelo nosso ori e pelos nossos pés. Mas para isso, precisamos ser grandes criadores de caso e nos reinventarmos a partir de nós mesmos. Sejamos todas, todos e todxs criadores de caso!

## Referências

- ADICHIE, Chimamanda. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ANZALDÚA, G. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. Revista Estudos Feministas. v. 8, N. 1, p. 229-236, 1980.

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ...

BAIRROS, Luíza. Lembrando Lélia Gonzalez. In: **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Diáspora Africana: Rio de Janeiro. Editora Filhos da África, 2018.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**; tradução de Myriam Ávila. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BARRETO, Raquel. Lélia Gonzalez, uma intérprete do Brasil In: **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Diáspora Africana: Rio de Janeiro. Editora Filhos da África, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Prefácio: conceição Evaristo, Apresentação Djamila Ribeiro. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**; Tradução de Jamille Pinheiro Dias. 1 ed.- São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Ângela, **A Liberdade é uma luta constante**; organização Frank Barat; tradução Heci Regina Candiani. 1 ed.- São Paulo: Boitempo, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

GROSGOUEL, Ramón; BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramon. (Org.). **Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada**: Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Trad. de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação – Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Trad. de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada**; trad. de Fábio Ribeiro.- Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Quilombola e intelectual: Possibilidades nos dias de destruição**: Diáspora Africana. Rio de Janeiro. Editora Filhos da África, 2018.

Paulo P. Correia, “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de casa do ...  
NASCIMENTO, Beatriz; RATTIS, Alex. (Org.). **Uma história feita por mãos negras;** Relações raciais, quilombolas e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.  
QUIJANO, Aníbal. **Ensayos em torno a la colonialidad del poder:** compilado por Walter Mignolo. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019.  
RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Pólen livros, 2019.  
SANTOS, S. Boaventura. **Pela Mão de Alice.** São Paulo: Cortez, Editora, 1995.  
SEGATO, Rita Laura. **Crítica da Colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda/** Trad. de Danielli jatobá, Danú Gontijo. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.  
SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Trad. de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos P. Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em: 11/10/2022

Aceito em: 20/12/2022



**Para citar este texto (ABNT):** CORREIA, Paulo Petronilio. “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de caso do feminismo negro. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº1, p.421-447, jan.- jun. 2023.

**Para citar este texto (APA):** Correia, Paulo Petronilio. (jan./jun.2023) O lixo vai falar, e numa boa”:Lélia Gonzalez, a criadora de caso do feminismo negro. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (1): 421-447.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>